



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



### O MARACATU COMO FERRAMENTA POLÍTICA E DESCOLONIZAÇÃO DA CULTURA

Laís Azevedo Fialho (Especialização em História da África e Cultura Afro-brasileira, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil)  
GT – 2: As diversas faces da militância negra.

contato: laisfialho2@gmail.com

#### RESUMO

É nítido o processo histórico em que boa parte do que é produzido pelo negro brasileiro é desumanizado, desvalorizado ou considerado estranho, exótico e folclórico. Pensando nas relações racializadas no Brasil, nota-se dentro dos movimentos sociais, um aumento de reivindicação por protagonismo e representatividade negra em todos os espaços de criação e veiculação de arte e cultura, a fim de problematizar o racismo institucional. Esta militância está presente também nas dimensões ligadas à religiosidade e às manifestações populares. O maracatu, manifestação cultural e religiosa pernambucana, que exalta os negros e se contrapõe à ideologia do embranquecimento, representa um importante mecanismo de militância e resistência à história hegemônica branca universalista, porque dá visibilidade à cultura afro-brasileira e legitima os saberes apagados pela história na difusão cultural, contribuindo para a descolonização mental da cultura eurocêntrica. O presente artigo se insere no campo dos estudos dedicados à resistência político-cultural afro-brasileira. Reforça discussões acerca da tradição, identidade e religião, através da cultura popular; percebe o protagonismo e representatividade negra como ferramenta política de descolonização; compreende o maracatu como prática cultural de resistência, que dinamiza a relação de seus atores sociais a partir da memória dos seus antepassados, do pertencimento a essa comunidade cultural e da dinâmica da sua experiência no tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maracatu. Descolonização. Cultura.

#### INTRODUÇÃO

Na sociedade marcada pela globalização e capitalização de recursos patrimoniais, observa-se a emergência de identidades étnicas ou culturais, principalmente entre os grupos excluídos socialmente. Pensando nas relações racializadas no Brasil, nota-se dentro dos movimentos sociais, um aumento de reivindicação por protagonismo e representatividade negra em todos os espaços de criação e veiculação de arte e cultura. Esta militância está presente também nas dimensões ligadas à religiosidade e às manifestações populares. Os espaços de dança e



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



Esta festa passou a ser também reconhecida como espaço de construção identitária, resistência e militância política, passou a ser considerada como um espaço com complexa rede geradora de processos formativos éticos, estéticos e educativos construídos a partir da convicção comunitária. Percebe-se essa relação de protagonismo e visibilidade da cultura negra como ferramenta política, de maneira bastante evidenciada, no Maracatu de Baque Virado. A estruturação do objeto de estudo incorre sobre as narrativas simbólicas de ancestralidade africana evidenciadas nos cortejos de Maracatu de Baque Virado, aponta para algumas reflexões sobre a cultura popular afro-brasileira, a partir dos conhecimentos pautados nos estudos de cientistas sociais, assim como pela reflexão empírica partindo da vivência com a Nação do Maracatu Porto Rico.

Apesar de existirem muitas hipóteses diferentes sobre a origem do maracatu, a explicação mais difundida entre os estudiosos do assunto, é a de que ele teria surgido a partir das coroações e autos do Rei do Congo. Muitos encontros e rituais foram originados nessas organizações em agrupamentos diversos, em torno dessas representações sociais, o maracatu de baque virado, segundo essa perspectiva seria um deles. Conforme o historiador Leonardo Dantas Silva (2000) o maracatu, como conhecemos hoje, tem suas origens marcadas no século XV na França e Espanha, e a partir do século XVI em Portugal. A presença de coroações dos reis do Congo e Angola em Pernambuco foram registradas a partir de 10 de setembro de 1666.

Entende-se através da pesquisa de Dantas Silva que os reis e rainhas do Congo eram líderes políticos intermediários entre a coroa e as populações de origem africana:

“As coroações de reis e rainhas de Angola na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio do Recife, por sua vez, são documentadas a partir de 1674.2 Das nações dos negros, era do Congo a que mais se destacava dentro das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, cuja função não era tão-somente cerimonial, como deixa entender a descrição de alguns viajantes, mas um encargo administrativo, do interesse do Governador da Capitania e do bem público, com a função de inspecionar e manter a ordem e subordinação entre os pretos que lhe forem sujeitos.” (SILVA, 1999. p, 363)

A coroação dos reis e rainhas do Congo foi transformada no maracatu, cuja nomenclatura surge na imprensa a partir do final da primeira metade do século XIX, para denominar os aglomerados de negros, anotada por José Antônio Gonsalves de Mello em consulta à edição do Diário de Pernambuco de 1º de julho de 1845. Os cortejos de maracatu organizados pelos pretos de Angola eram alvo de perseguição policial, denúncias à Inquisição de Lisboa por parte dos frades capuchinhos e configurava motivo de censura por parte das classes dominantes; segundo registra o jornal O Diário de Pernambuco, em sua edição de 11 de novembro de 1856 ao tratar do maracatu da Praça da Boa Vista :



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



“No domingo, os pretinhos do Rosário, talvez avezados, quiseram apresentar na Praça da Boa Vista o seu maracatu; a polícia, porém, dispersou-os, não porque julgasse que aquele inocente divertimento era atentatório à ordem pública, mas porque do maracatu passariam à bebedeira, e daí aos distúrbios como sempre acontece; obrou-se muito bem.” (SILVA, 1999. p, 363)

Segundo o historiador Leonardo Dantas Silva (2000) a figura do rei e rainha do congo perde seu significado com a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da república em 1889. Os cortejos, já presentes no carnaval, passaram a ter como autoridade temporal e espiritual os Babalorixás dos terreiros de culto nagô. Conforme Katarina Real (1991) - pesquisadora que desempenhou um papel importante para a atual configuração do carnaval de Recife, organizando um extenso material de pesquisa, em forma de textos, fotografias, gravações fonográficas, entrevistas e palestras - a palavra “nação” é utilizada entre os pesquisadores que estudavam tal manifestação cultural, porque a palavra “maracatu” despertava confusão a respeito do seu “verdadeiro” significado, e a etimologia da palavra continua sem clarificação depois de longos debates. Além disso, existem dois tipos de maracatus em Pernambuco, diferentes na sua configuração e conteúdo, maracatu-nação ou de baque virado e maracatu rural ou de baque solto. Assim a autora se refere à nação de maracatu para se referir às nações africanas, ligadas à instituição da Coroação do Rei do Congo, vinculadas às Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e ao culto de São Benedito.

### **A NAÇÃO DE MARACATU PORTO RICO**

A Nação de Maracatu de baque virado Porto Rico fez o resgate de toda a tradição centenária, para colocar sua manifestação na rua, respeitando fundamentos do candomblé e ritmando o cortejo real. O cortejo do maracatu de baque virado acontece na rua. É composto por uma corte com diversos personagens que dançam ao som do toque de maracatu.

As baianas de cordão ficam dispostas em fileiras laterais, e vestem roupas padronizadas confeccionadas com chita, as baianas de branco são obrigatórias, as baiana ricas com suas roupas exuberantes. As calungas são consideradas sínteses da dimensão sagrada onde os axés do maracatu estão depositados, são elementos sagrados nos candomblés de Pernambuco, são bonecas de madeira ou de pano que representam éguns, mortos, como dona Júlia, calunga da Nação Porto Rico, que foi feita por Eudes Chagas para homenagear dona Santa, a lendária rainha da Nação Elefante.

A maior parte das evoluções, coreografias, dos rituais presentes nos maracatus podem ser considerados uma metáfora de uma situação de guerra. O caboclo de lança, personagem que compõe o cortejo, representa um sentido político, de quem vai enfrentar uma luta. Ele se destaca não só pela quantidade, mas pela beleza, exuberância, colorido e sobretudo pelo aspecto guerreiro. Tem também os caboclos de pena, que representam os índios, trazem consigo arco e flecha, representados pela sabedoria dos povos indígenas e a proteção dos espíritos das florestas. As damas de frente são mulheres ricamente trajadas, com chapéus ornados com flores, as damas de honra,



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



crianças que mantêm suspensas as capas do rei e da rainha. As damas do paço conduzem as calungas, as bonecas. A mulher que conduz a calunga deve estar preparada espiritualmente para conduzi-la nos desfiles da nação. Tal preparação passa pela a realização de obrigações religiosas e obediência aos preceitos da religião dos orixás. Sobre a importância atribuída às Calungas Arthur Ramos (2007) afirma:

“Os maracatus não festejam apenas a sobrevivências históricas e totêmicas. Festejam a religião. Aproveitam-se do carnaval, iludiram a perspicácia dos brancos opressores e festeja seus reis, as suas instituições, a sua religião. Entre os seus deuses, adoraram a Calunga, um dos maiores, um motivo universal, o deus do mar e das águas; (RAMOS, 2007, p. 80)



**(Figura 1 - Dama do Paço da Nação de Maracatu Porto Rico, Leleu Nunes,  
carregando a Calunga Dona Bela. De:**

**<https://br.pinterest.com/pin/288230444878757413/>)**

O Porta estandarte, figura que abre o cortejo, carregando a bandeira do maracatu. O rei e rainha, figuras centrais do cortejo. Também cumprem obrigações e resguardos durante o carnaval. Convém ressaltar que algumas rainhas são também lideranças religiosas ligadas a algum terreiro, a exemplo de Elda Viana ou Elda de Oxossi, da Nação Porto Rico. Como Yalorixás, elas são conhecedoras dos segredos da religião e, por meio deles, acabam se tornando ainda mais preparadas para conduzir a nação, assegurando assim a legitimidade que se quer para os grupos e para o discurso da tradição. Os soldados romanos levam escudos e lanças. Os orixás são vestidos conforme o seu arquétipo específico. Cada figura representa a materialização e dá forma estética a um imaginário religioso e ou sócio-político. Sobre a manifestação do caráter religioso do maracatu Alceu Araújo (2004) explicita:

A presença do maracatu no carnaval se justifica, ele é o próprio Xangô sem elementos estáticos, místicos, porém os mesmos cantos e os mesmos instrumentos musicais. Uma diferença, porém – seu templo é a praça pública, o altar é o palanque. (ARAUJO, 2004, p.358)



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



César Guerra Peixe (1956), importante estudioso do tema, classificou e descreveu de modo sistemático o maracatu nação em sua obra *Maracatus do Recife*. Esse trabalho considerado indispensável para os que desejam entender a história do maracatu e sua organização. Segundo Guerra Peixe o ritmo do maracatu é marcado por instrumentos de percussão utilizados também dentro dos terreiros nos toques para os orixás. São as alfaias ou tambores, caixas, taróis, agbês, mineiros, gonguês, atabaques e apito. Os batuqueiros são divididos por alas de instrumentos e seguem as convenções das loas, como são chamadas as louvações ou as músicas cantadas pelas nações, com letras que falam da história do próprio do maracatu, do abolicionismo, da resistência da cultura negra, dos orixás, da comunidade onde residem, e das relações sociais e religiosas que experienciam.

Enquanto os batuqueiros tocam e cantam as loas da nação, as demais alas do cortejo dançam, brincam e expressam sua cultura e religiosidade na rua. Esse momento é muito esperado por toda a comunidade que acompanha as atividades da nação de maracatu e também pelos que a compõem. As loas são também formas de expressão, nelas se fazem presente a dimensão do sagrado. Muitas delas fazem referência direta aos orixás, como a toada cantada pela Nação Porto Rico:

Baque das Ondas  
(Autoria: Mestre Chacon Viana)

O feitiço da bruxa de pano,  
Boneca de cera vamos respeitar  
Porto Rico que vem de Luanda,  
Segure o baque das ondas do mar (coro).  
Salve Xangô nas pedreiras,  
Oxóssi na mata, Oxum na cachoeira.  
Odómiô Yemanjá!  
Segure o baque das ondas do mar (coro)  
Vem chegando Nanã e Omolú,  
Ossain e as folhas, salve Obá!  
A rainha que é Iansã,  
Segure o baque das ondas do mar (coro)  
É das ondas do mar (coro)  
É das ondas do mar (coro)  
É das ondas do mar (coro)  
Segure o baque das ondas do mar

Normalmente antes das apresentações as nações passam por rituais de limpeza espiritual, dentro do terreiro, que consagra aquelas manifestações e os instrumentos que participam dela, com objetivo de obter a proteção necessária do sagrado, principalmente para o período de carnaval. Nesses rituais religiosos, as nações de maracatu oferecem obrigações também às calungas, aos orixás, às entidades da jurema e aos eguns. Cada nação estabelece sua organização para os dias e durações desses rituais.



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



Especificaremos a história da Nação de Maracatu Porto Rico, que mais tarde se tornou a nação que apadrinhou o grupo de Maracatu de Maringá, o Ingazeiro. Essa nação foi fundada em 7 de setembro de 1916. Seu símbolo é a caravela Santa Maria, que representa a chegada de escravos africanos no Brasil. O seu orixá patrono é Ogum Megê, e suas cores verde e vermelho, porque Eudes Chagas – criador, rei e Babalorixá da nação, era de Ogum Megê, nação Nagô.

Atualmente a nação é coordenada pelo Mestre Chacon Viana, filho da rainha e Yalorixá, Elda Viana, tornou-se regente da nação em 1998 e é ogã – um dos responsáveis pelos toques nos rituais do terreiro. Eudes Chagas, que era avô de Dona Elda, foi coroado em 1967, em cerimônia organizada pela antropóloga Katarina Real. Esta cerimônia contribuiu para a legitimidade e visibilidade das coroações, que a partir dessa cerimônia, passou a ser realizada em espaços públicos. Elda Viana foi corada décadas depois, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife, em 08 de outubro de 1980, numa cerimônia privada, já que a Igreja católica não mais permite que se officie a coroação de reis e rainhas de maracatu no interior do templo.



(Figura 2 - Rainha Dona Santa e Eudes de Chagas. De:

<http://inventariomaracatus.blogspot.com.br/2010/09/dona-santa-rainha-do-elefante.html>

Figura 3 - Rainha da Nação de Maracatu Porto Rico, Elda Viana. De:

[https://br.pinterest.com/pin/412501647104228370/.](https://br.pinterest.com/pin/412501647104228370/))

O terreiro da nação Porto Rico, onde acontecem as consagrações dos instrumentos, das calungas e dos batuqueiros, é comandado pelo Oxossi Guangoubira, porque esse é o orixá de Dona Elda Viana, de nação Jegê Nagô. A sede da nação, ao lado do terreiro, é hoje um ponto de cultura da comunidade do bode, favela do bairro do Pina. Percebe-se que essa nação têm uma longa trajetória histórica, social e principalmente espiritual. É notável que a religiosidade é intrínseca à manifestação cultural de tal modo que é impossível disassociá-la.



**(Figura 4 – Ossé, ritual de limpeza e renovação da casa dos orixás, no Yle Oxossi Guangoubira, com os batuqueiros da Nação Porto Rico. De: Arquivo Pessoal.)**

A nação de Maracatu Porto Rico, anualmente se prepara para os carnavais com alguns meses de antecedência, onde seus barracões ficam cheios de fantasias, instrumentos, batuqueiros, mães e pais de santo, crianças e muitas outras pessoas apoiadoras da nação, da própria comunidade do Pina ou de outras regiões do estado e do país, que vão para a sede da nação colaborar, aprender e trocar conhecimentos sobre a cultura, a arte e a religiosidade do maracatu.

A busca dos elementos da identidade sociocultural, da reconquista da dignidade e da auto-estima particularmente da população negra e demais integrantes das classes populares excluídas das benesses da sociedade contemporânea e marginalizados por razões sócio-político-culturais são funções primordiais do ponto de cultura criado pelos coordenadores na nação de maracatu Porto Rico, utilizando-se da educação, arte e cultura como os principais elementos para a superação de muitos problemas sociais. O viés social e o religioso são os principais alicerces da nação de maracatu Porto Rico.

A construção da negritude vista como afirmação de ser negro, é experienciada de forma distinta entre aqueles que se reconhecem como negros. É vivida insensatamente por muitos moradores da favela do bode, onde se localiza a sede da Nação de Maracatu Porto Rico, principalmente entre os jovens. Nota-se a efervescência com que se auto-afirmar negro, e valorizar a cultura negra, funciona como um fator identitário de muitos jovens, que passam a vivenciar experiências em que eles possam curtir sua juventude e desvendar seu pertencimento étnico.

### **O YLÊ AXÉ OYÁ DE YÁ SANDYÁ E O GRUPO DE MARACATU INGAZEIRO**

Existem diversos grupos, em várias cidades espalhadas pelos estados do Brasil, de jovens pesquisadores da cultura afro-brasileira que tocam o maracatu de baque virado orientados e apadrinhado pela nação de Maracatu Porto Rico. Em Maringá não foi diferente. Em 2010 surgiu na cidade do norte do Paraná o grupo de Maracatu Ingaizeiro. Um grupo de amigos que eram músicos, estudantes e pesquisadores de percussão se reuniu na intenção de formar um grupo que estudasse e se aprofundasse sobre as raízes do maracatu. Esses amigos se conheciam há um bom tempo. João, o



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



atual coordenador do grupo, foi o primeiro a ter contato com o maracatu com o grupo de Ribeirão Preto, Chapéu de Sol. Caio Emílio, um dos primeiros integrantes do grupo, teve contato com um projeto percussivo que já existia em Londrina, o grupo Lata - que se tornaria o grupo de maracatu Semente de Angola, e facilitou a comunicação entre esses amigos de Maringá interessados em aprender o maracatu e os batuqueiros do grupo Lata, que já tinham um conhecimento maior.

Rafael Poujo, do grupo Lata de Londrina, se dispôs a vir pra Maringá mensalmente dar oficinas de ritmo e história de maracatu. Dez amigos se juntaram pra bancar financeiramente as oficinas, uma gestão do DCE colaborou algumas vezes também no financiamento dessas oficinas. Os instrumentos também foram comprados com dinheiro dos dez amigos, que logo solidificaram um corpo percussivo, pra poder utilizarem os aparatos do maracatu.

Sempre era enfatizado a esses dez amigos, a ligação do maracatu com o candomblé, e a necessidade de respeitar os fundamentos dos tambores. O João Guilherme Furlan, atual coordenador do maracatu Ingazeiro, já era iniciado no candomblé de nação Angola em um terreiro onde nasceu e foi criado, em Ribeirão Preto. Chegando em Maringá conheceu o Ylê Axé Oyá da Yá Sandyá, mais comumente chamado de terreiro da mãe Lourdes. Levou então os integrantes do grupo para conhecer o terreiro e a mãe de santo, e decidiram que ela seria então a madrinha e responsável pelos fundamentos religiosos e espirituais do grupo. A Yalorixá então jogou búzios para o grupo e foi neste momento que o grupo soube seu orixá regente, Iansã, e suas cores, rosa e verde.

A partir dessa primeira aproximação, a relação dos batuqueiros do grupo de maracatu Ingazeiro com o candomblé se estreitou. A maioria dos batuqueiros que se interessaram em participar do grupo não conhecia a religião, se apaixonaram a princípio pelo batuque, a energia e a cultura. Com o passar do tempo alguns se tornaram adeptos da religião, outros não, mas todos tomaram conhecimento da necessidade e importância de se conhecer a religião e respeitar, como interlocutores que eram do candomblé a partir dos tambores.

O maracatu Ingazeiro representava visibilidade para o terreiro e o terreiro representava fundamentação, união e respeito à religiosidade para o grupo. O terreiro de Yá Sandyá era localizado no Jardim Alvorada, região periférica da cidade, espaço bastante desconhecido pela maioria do grupo. A Yalorixá foi iniciada no candomblé de nação Angola em 1975 pelo Babalorixá baiano Tata Pareira, mas algum tempo depois deu sua obrigação no Ketu, se comprometendo com os fundamentos dessa nação. Maria de Lourdes do Nascimento foi considerada por muitos, uma das mães de santo mais representativas nas lutas do movimento negro, do direito das mulheres negras e contra a intolerância religiosa. Yá Sandyá era muito envolvida nas questões sócio-políticas de gênero e raça. Também, sempre se posicionou favorável à luta inclusiva das lésbicas, dos homossexuais e dos transgêneros. Sempre que possível participava de conferências e espaços destinados a essas questões.

O Ylê Axé Oyá, terreiro da mãe Lourdes, tinha como ritual predominante o candomblé de nação Ketu e também tocou umbanda por muitos anos. O terreiro se



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"

Homenagem a Ruth de Souza



manteve forte por muitos anos, não sem grande resistência e afirmação da sacerdotisa e dos adeptos, mas nos últimos anos de vida da Yalorixá, já não estava tão movimentado, por conta da debilidade física dela. Em algum momento, o Maracatu Ingazeiro representou um fortalecimento e visibilidade para a casa de santo, quando muitos dos filhos da casa por motivos diversos se afastaram.

O maracatu Ingazeiro, enquanto coletivo, permaneceu ligado a esse terreiro por alguns anos, mais veio a realizar seu compromisso religioso mais tarde, no mesmo terreiro da nação de Maracatu Porto Rico, em Recife, o Ylê Oxossi Guangoubira. Mesmo assim, muitos dos batuqueiros e batuqueiras do grupo Ingazeiro, permaneceram ligados à mãe de santo e seu terreiro até os últimos momentos de sua vida. Inclusive no momento de sua morte, o grupo estava presente, para prestar suas últimas homenagens à Yalorixá e a Iansã e estender seus sentimentos de perda à família. A Yá Sandyá faleceu no dia 13/07/2016, aos setenta anos, numa quarta feira de muitos ventos. O grupo Ingazeiro permanece ativo, realizando suas atividades.

Muitos batuqueiros, pais e mães de santos e dançarinos da Nação de Maracatu Porto Rico de Recife, viajam o Brasil inteiro ensinando os fundamentos da nação, e Maringá não fica fora desse circuito. O ingazeiro promove em Maringá com alguma regularidade, atividades com convidados de Recife, que sempre reproduzem muito de suas vivências, crenças e cultura, pra além do conhecimento técnico de dança ou toque.



(Figura 5 - Yá Sandyá no Ylê Axé Oyá. Figura 5. De: Arquivo Pessoal. Grupo de Maracatu Ingazeiro, em cortejo pelas ruas de Maringá, e Obanifé Oyá, Pai de santo do Yle Oxossi Guangoubira e Baiana Rica da Nação de Maracatu Porto Rico. De: Arquivo Pessoal)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O candomblé ainda sofre com a intolerância religiosa, a deslegitimação de suas crenças e a demonização de seus deuses. É nítido o processo histórico em que boa parte do que é produzido pelo negro brasileiro é desumanizado, desvalorizado ou considerado



## IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



estranho, exótico e folclórico. No entanto, as crenças do candomblé nada ficam a dever às demais religiões, a religião dos orixás, praticamente desconhecida por não adeptos do candomblé, é tão interessante e complexa quanto às demais. Além de uma religião múltipla e rica, o candomblé também representa um importante mecanismo de resistência à história hegemônica branca universalista porque dá visibilidade à cultura afro-brasileira e legitima os saberes apagados pela história na difusão cultural, contribuindo para a descolonização mental da cultura eurocêntrica.

Este trabalho considera a falta de visibilidade e conhecimento sobre a religião afro-brasileira e sua linguagem um forte pilar na estruturação do preconceito. Assim como a fixação da estética do candomblé e sua estética como bruxaria, feitiçaria e ritos do mal foi usado ao longo dos processos de transformação da religião como recurso ideológico a fim de marginalizar as religiões afro brasileiras.

A lei 10.639, que entrou em vigor em 2003, tornou obrigatório o ensino de história da África e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Até então, não havia grandes discussões nas escolas sobre o povo afro-brasileiro, nem sobre suas pertencas culturais e religiosas. Com o advento dessa lei, as religiões de matriz africana no Brasil e algumas manifestações populares que expressam a religiosidade do povo de terreiro passaram a ter certa visibilidade no currículo de história, como um elemento construtivo na reafirmação da cultura negra

Conforme postula o historiador Achille Mbembe (2001), nenhuma democracia pode se desenvolver sem memória, de forma que se faz necessário convocar a história para perceber os processos que seguem legitimando o apagamento da cultura, da religião e das representações simbólicas de origem afro-brasileira. Mbembe denomina esse apagamento como uma violência de tipo metafísico e ontológico, que tem sido há muito tempo um aspecto da ficção de desenvolvimento que os colonizadores procuram impor aos que colonizaram.

Tocar maracatu é sempre acionar a memória ancestral de um povo que foi marginalizado, mas nunca desistiu de manifestar sua fé, sua religiosidade e sua arte por meio da estética construída como afro-brasileira ao longo de centenas de anos. A função do grupo Ingazeiro na cidade de Maringá é dar visibilidade à religiosidade de matriz africana, fortalecer o imaginário sócio político negro e perpetuar a troca de conhecimentos e sabedoria pela linguagem dos tambores. A dimensão religiosa, citada ao longo de toda esse trabalho, demonstra que o maracatu é também religião, na qual as pessoas vivem sua fé como parte da vivência no maracatu. O maracatu segue coroado, através da trajetória dos maracatuzeiros que criam novos sentidos pra sua prática cultural, a partir da memória dos seus antepassados, do pertencimento a essa comunidade cultural e da dinâmica da sua experiência no tempo.

A denúncia contra sociedades que, embora complexas, recusam-se a assumir sua pluralidade constitutiva, articula-se em diversos níveis de formação discursiva: político, mítico, científico e simbólico. As múltiplas tradições implicadas na religiosidade afro-brasileira, como o maracatu participam desse movimento de resistência histórica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional II: dança, recreação e música – 3ª Ed. São



## **IV COLÓQUIO FEMINISMO NEGRO**

**" Acadêmicas, trabalhadoras e militantes:  
a representatividade das mulheres negras  
em diferentes espaços"**

**Homenagem a Ruth de Souza**



Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUERRA-PEIXE, César. Maracatus de Recife. São Paulo: Ricordi, 1956.

MBEMBE, A. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, pp. 209-209, 2001.

RAMOS, Arthur. O Folclore Negro no Brasil: demopsicologia e psicanálise – 3ª Ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2007.

REAL, Katarina. O folclore no carnaval de Pernambuco. Recife. Ed. Massangana, 1991.

SILVA, Leonardo Dantas. A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus do Recife. In: Ciência e Trópico, V.27, n.2, Jul/Dez 1999. Recife: Fundaj, Massangana, 2000.

SILVA, Leonardo Dantas. Carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

SILVA, Leonardo Dantas. Estudos sobre a escravidão negra. Vol. 1 e 2, Recife: Fundaj, Massangana, 1988.